

## WALTER BENJAMIN E A REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA: UMA LEITURA DOS BOOKTUBERS NA INTERNET

Andréa Paula Oliveira de Carvalho <sup>1</sup>

*Resumo:* O objetivo desse trabalho é fazer uma análise interpretativa entre o texto teórico de Benjamin A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade técnica e o trabalho produzido pela jornalista Isabella Lubrano no Youtube em seu Canal Ler Antes de Morrer. Como bem observou Benjamin no cinema e na fotografia, artes, que passaram por um processo de reprodução em série e hoje atinge escala macro integrando os meios e a sociedade. Mas esse estímulo, segundo Benjamin veio acompanhado da perda da "aura", análise exagerada para se referir a um objeto artístico que saiu do pedestal e se tornou algo habitual, mas ilustra bem o processo de reprodução e produção dessas artes que passaram a interferir e modificar a vida das pessoas e as suas relações sociais. A principal intenção aqui é questionar e pensar o booktubers como um aparelho tecnológico que tem mudado a fisionomia da crítica literária e como esse tipo de crítica emerge nesse espaço e produz uma gama de contradições. Assim, em observação a crítica literária feita no YouTube, nota-se uma reprodução e produção de uma crítica em série que atinge níveis de público altíssimo mas que pela exigência de uma produção voltada ao capital perde também sua qualidade ao mesmo tempo que divulga o livro literário.

*Palavras-Chave:* Reprodutibilidade, Técnica, Booktubers, YouTube.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Crítica Cultural (Pós-Crítica/UNEB). Endereço eletrônico: andrea\_paula17@hotmail.com

## **WALTER BENJAMIN AND TECHNICAL REPRODUCTIVITY: A READING OF BOOKTUBERS ON THE INTERNET**

*Abstract:* This work aims at making an interpretive analysis between the theoretical text of Benjamin *The Work of Art in the Age of its mechanical Reproducibility* and the work produced by the journalist Isabella Lubrano on Youtube in its Channel *Read Before Dying*. As Benjamin well observed in film and photography, arts, which have gone through a process of serial reproduction, today reaches macro scale integrating the media and society. However, according to Benjamin, this stimulus was accompanied by the loss of the "aura," an exaggerated analysis to refer to an artistic object that left the pedestal and became a habitual thing, but it illustrates the process of reproduction and production of these arts that began to interfere and modify people's lives and their social relations. The aim here is to question and think of booktubers as a technological apparatus that has changed the physiognomy of literary criticism, in order to understand how this sort of criticism emerges in this space and produces a range of contradictions. Thus, focusing on the literary criticism made on YouTube, we can see a reproduction and production of a critique in series that reaches very high levels of public. However, by the demand of a production directed to the capital, loses also its quality while publishes the book literary.

*Keywords:* Reproducibility, Technique, Booktubers, YouTube.

### **Introdução**

Os "*booktubers*" são pessoas que trabalham no *YouTube* e abordam temas e livros literários diversos (GHERUBIN, 2017), esse fenômeno no jeito de falar de assuntos literários, muda a fisionomia do mercado editorial e releva novos valo-

res a crítica literária, que em tempos de crise se percebe em um novo horizonte de possibilidades que apesar de incertas incrementam o mundo e o saber literário. Resta entender agora o que se tem acrescido e quais as principais críticas a se fazer a essas novas posturas diante desse cenário de produção crítica industrial.

A leitura que se faz nesse trabalho, tem em vista, os *modus operandi* Benjaminiano que em seu texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, apresenta uma discussão entre a arte e os efeitos da reprodução técnica sobre elas, buscando interpretar a entrada do processo industrial na produção artística. Assim, encara-se diante desse cenário da internet e sua reprodução em massa uma postura em que a técnica, sua divulgação e publicação estão muito mais acessíveis.

Por fazer do seu método de interpretação o próprio mercado editorial, a crítica feita pelos *Youtubers* tem crescido e ampliado o número de leitores e de acessos à tipos de obras diferenciadas e de escritores variados, tanto nacionais como internacionais. A crítica sempre foi uma instância de poder. Dar voz a alguém é um privilégio no qual as sociedades sempre souberam mediar e controlar, portanto, com o conhecimento crítico literário não foi diferente. A sociedade brasileira, e não somente ela, usou diversos elementos literários para forjar uma nacionalidade e uma identidade nacional na qual o Estado e os poderes econômicos foram os grandes investidores dessa empreitada.

Na atualidade, uma das grandes instâncias de poder chamada literatura perde seu papel de centralidade e entra em concorrência com outras artes e aparelhos tecnológicos como a televisão e o cinema. A perda de espaço ocorre por conta das transformações culturais e políticas ocorridas das últimas décadas. Esse estado de turbulência social, político e cultural trará impactos à vários outros setores disciplinares que por essa razão não se restringe apenas a crítica literária.

A tecnização agora atinge outras áreas do conhecimentos como a crítica literária. A crítica entrou em crise porque perdeu sua habilidade de falar ao público e não acompanhou a evolução das tecnologias, não discutiu seus suportes e nem tão pouco se preocupou em rever seus métodos. Hoje seus textos encontram-se restrito ao ambiente universitário e em jornais, mas possui um público restrito quase ínfimo.

Os *booktubers* têm seus modos de produção voltados para ideais capitalistas. É necessário, portanto, uma produção em larga escala. Esse fato, no entanto, gera impactos na qualidade. O grande capital quer atingir uma maior quantidade de consumidores e sua preocupação precípua é vender. É uma crítica que reverbera a arte enquanto produto e uma reprodutibilidade técnica que desmistifica a literatura antes vista como uma arte só possível de ser lida e compreendida por poucos << intelectuais e especialistas >> e dá a público a chance de se tornar ele mesmo o crítico de si mesmo, o que pode ao mesmo tempo limitá-lo ou lhe garantir uma certa paixão ou uma inclinação afetiva incoercível.

Esse fato pode ser comparado ao pensamento Benjaminiano que em seu ensaio vai refletir justamente sobre a veracidade do cinema e da fotografia e de como essas duas artes de produção capitalista podem ser assim elevadas ao estatuto de arte se são frutos do capitalismo em ascensão? Ao fazer comparações entre teatro e cinema, fotografia e pintura, Benjamin, nos mostra como a “aura” foi corrompida durante o processo de tecnização que antes tinha na sua forma de fazer uma existência parasitária no ritual e agora muda seus aspectos de culto automatizado por uma ideologia burguesa.

## **WALTER BENJAMIN EM A OBRA DE ARTE NA ERA DE SUA REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA: ALGUMAS PROPOSIÇÕES**

Em seu ensaio escrito em 1936, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, Walter Benjamin, vem discutir sobre a “aura” da arte e como esse aspecto é irreprodutível, pois expressa sua singularidade no “aqui e agora”. Esse fato é que revela uma arte de existência única e autêntica. A chegada da técnica, necessária para sua reprodução, diluiriam tais características.

As obras de artes sempre foram passíveis de reprodução. Segundo Benjamin a imitação era praticada tanto pelos alunos como forma de apreensão, como pelos mestres para sua divulgação ou até mesmo por terceiros que visavam o lucro. Mas a técnica é a questão que se impôs na história e começa a mudar as noções de valores tradicionais e se transformam em novas tradições a partir dela. Nas palavras de Benjamin:

A singularidade da obra de arte é idêntica à sua forma de se instalar no contexto da tradição. Esta tradição, ela própria é algo de completamente vivo, algo de extraordinariamente mutável. Uma estátua antiga da Vénus, por exemplo, situava-se - num contexto tradicional diferente, para os Gregos que a consideravam um objecto de culto, e para os clérigos medievais que viam nela um ídolo nefasto. Mas o que ambos enfrentavam da mesma forma, era a sua singularidade, por outras palavras a sua aura. O culto foi a expressão original da integração da obra de arte no seu contexto tradicional. (BENJAMIN, 1985, p. 170)

Em sua argumentação o autor faz um apelo retrospectivo dos tipos de produção técnica produzidos ao longo da história. Ele cita a fundição, a cunhagem, a xilogravura, a impressão, a gravura e a litografia, essa última vai conferir-lhe como um avanço decisivo pois ela quem colocará as artes gráficas no mercado para sua produção em massa de forma diversificada. Mas segundo Benjamin essa técnica fica para traz quando surge a fotografia e diz:

Pela primeira vez, com a fotografia, a mão liberta-se das mais importantes obrigações artísticas no processo de reprodução de imagens, as quais, a partir de então, passam a caber unicamente ao olho que espreita por uma objectiva. Uma vez que olho apreende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução de imagens foi tão extraordinariamente acelerado que pode colocar-se a par da fala. (BENJAMIN, 1985, p. 166-167)

“O olho apreende mais depressa que a mão que desenha” fato configura maior rapidez na sua reprodução. Essa ampla reprodução data pela fotografia reflete diretamente sobre o “valor de culto” e o crescimento do “valor de exposição”. Assim, inseridas no processo de mercantilização se tornam meros produtos e mercadorias. Ao apontar transformações dessa mudança de valor na obra de arte, Benjamin acrescenta:

No início do século XX, a reprodução técnica tinha atingido um nível tal que começara a tornar objeto seu, não só a totalidade das obras de arte provenientes de épocas anteriores, e a submeter os seus efeitos às modificações mais profundas, como também a conquistar

o seu próprio lugar entre os procedimentos artísticos. (BENJAMIN, 1985, p. 166-167)

Em comparação direta com o objeto aqui em estudo os *bookturburs*, esse fato muda mais ainda com a invenção do *YouTube*, pois quando o autor fala em “modificações profundas” dadas pela técnica essa emerge e conquista seu próprio lugar entre procedimentos “artísticos” e é aí que as coisas parecem se confundir e uma pergunta é inevitável: qual o limite entre a técnica e a arte?

A grande massa vai começar a produzir e a manipular seus pequenos roteiros um tanto diferente do cinema quanto sua profissionalização e emissão, mas capaz de abarcar tantos telespectadores quanto difundir os mais diversos tipos de comportamentos humanos deixando explícitos inclusive os conflitos humanos que se quer esconder: preconceito, violência, pornografia, insanidade, além dos resíduos diários que tentamos esconder; um corpo fora dos padrões, os próprios órgãos do corpo humano, a vida é, em alguns aspectos; uma tentativa de si reconhecer num elemento fora da natureza, ou a tentativa de classificá-la fora dela. O grotesco e o belo ora se confundem e são manipulados pela grande massa na internet.

O que está em jogo é a decadência da aura e esse fato segundo o autor se liga ao crescimento das massas. A tecnição da arte, trazida por Benjamin, é a necessidade de:

'aproximar' as coisas espacial e humanamente é atualmente um desejo das massas tão apaixonado como a sua tendência para a superação do caráter único de qualquer realidade, através do registro da sua reprodução. (BENJAMIN, 1985, p. 169)

A tecnização da arte se dá na elaboração do coletivo que nele reflete o desejo de dominar o objeto que o faz ficar mais perto pela cópia ou reprodução.

O que encontra-se disperso hoje é a tecnização das formas de se relacionar com as pessoas e com o mundo. A estética tomou conta dos procedimentos tecnológicos e vice e versa e caminham numa via de mão dupla que ora modifica intensamente a arte e muda seu rumo, ora se impõe como política de democratização dos acessos aos bens sociais e culturais. E como é evidente, as causas e as consequências seguem em um ritmo de fruição intensa que ora aprisiona ora liberta a produção de conhecimento.

## ***Booktubers*: modelo de crítica ou abastecimento do mercado editorial?**

Quanto mais o ciberespaço se amplia, mais ele se torna "universal", e menos o mundo informacional se torna totalizável. O universal da cibercultura não possui nem centro nem linha diretriz.

É vazio, sem conteúdo particular.

Pierre Lévy (1999)

Os *booktubers* são portadores de informações que não favorecem uma produção do saber em divergência. Um saber divergente é importante na medida em que leva o leitor a um incomodo ou também o inquieta de alguma forma sobre as condições que permeiam a estética, o contexto e o conteúdo do livro literário. A força do negativo parece apagar-se nesse tipo de leitura, tão necessário para escrutinar qualquer conhecimento e entendê-lo em sua amplitude. Manipulando a obra, trabalhando com diversas possibilidades de interpretação o leitor deveria de alguma forma pensar a obra trazendo para sua leitura perguntas, chocando ideias e percebendo as



contradições. Um crítico não deveria dar respostas prontas, como faz muito *booktubers*, ele tem como missão suspender determinada reflexão e criar novos diálogos e novos signos a partir do texto.

Mas é verdade também que por outro lado, o leitor “menos avisado” se dar conta de todo um processo de produção, edição, publicação do livro que antes passavam despercebido pela maioria dos leitores comuns. Os *booktubers* falam sobre capas, suas edições, suas diferenças de preço e conteúdo, onde e como encontrar os livros. Esse fato não só abastece de alguma maneira a crítica literária de forma ampla, mas também se torna um substancial *showroom* do mercado editorial.

As artes tecnicizadas como o cinema e a fotografia revelam segundo Benjamin uma forma não mais parasitária no ritual, mas como prática política. Assim, é indispensável na crítica literária pensar na reprodutibilidade técnica, tendo em vista, o seu grande produtor: o mercado editorial. Para atingir públicos em grande escala são necessárias algumas mudanças procedimentais que irão impactar na qualidade desse portador de conhecimento que em detrimento de um saber produz consumidores ávidos pelo objeto livro, durante a apresentação nos canais do *Youtube*, será elevado a produto inestimável. A crítica no *YouTube* faz surgir: um profissional que produz um saber banal e que ao mesmo tempo não se tem consciência dele, por que é vazio (sem maiores reflexões) e de produção mecânica e, principalmente, abastece o mercado editorial que prevê novos leitores/consumidores.

O surgimento da crítica literária feita pelos *booktubers* reabre as discussões acerca da crise por que passa a crítica literária tradicional. Quase extinta por falta de público, a crítica tradicional entra na contramão do mercado e se deixa agora devorar por esses novos produtores de informação: *booktubers*. O que está diante desse novo cenário de produção e propagação de informação? quais os motivos da proli-

feração desses indivíduos e desses canais de promoção do texto literário?

O significado de *YouTube* quer dizer: *You* (você), *Tube* (tubo) é fruto de uma gíria que se aproxima muito de televisão, resultado dessa junção é a “televisão feita por você” (DANTAS, 2017). Essa nova forma de produzir e compartilhar informação mudou nossa maneira de se relacionar com as pessoas, com o conhecimento e com os próprios aparelhos tecnológicos. E essa ampliação só se tornou possível graças a empresa Google que comprou o *YouTube* de seus criadores: Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim e os mantiveram na liderança do próprio *YouTube*. Esse fato se configurou no maior investimento para facilitação de abertura de fronteiras e fluidez de informações pessoais e coletivas no mundo.

Diz-se que o texto é a concretização do discurso. O texto em formato em vídeo amplia a interpretação e os sentidos, na medida em que, é possível não só ler o texto oral como também toda informação que estão incutidos no corpo e no cenário onde esse corpo profere esse discurso. Meios e modos de produção se ampliam com o *YouTube* e apresentam como uma revolução na forma de comunicar, que agora passam a ser manipulados por outros elementos estéticos.

## ***Booktubers*: novos sujeitos, novos suportes, novas estruturas textuais**

O *Vlog*, abreviação de *videoblog* (vídeo + blog), seria um tipo de blog em que os conteúdos são formados por vídeos<sup>2</sup>. Eles se apresentam como espaços de divulgação de vídeos lançados periodicamente duas ou três vezes por semana. Esses vídeos são produzidos de diversas maneiras da

---

<sup>2</sup> Informação disponível em: [www.significados.com.br/vlog](http://www.significados.com.br/vlog)

forma mais simples, com apenas uma câmera nas mãos, ou mais elaborada, com efeitos de luz e cortes propositais para inserção de outros vídeos, citações, textos etc.

Embora o ato de pegar uma câmera e filmar a si mesmo com o intuito de contar a rotina da vida ou qualquer outro fato de interesse do *vlogger* – aquele que faz *vlogs* – não seja tão inovador como pensamos, tendo existido indícios de “*vloggers* de vanguarda”, desde os anos 1976, quando Sam Klemke fazia vídeos em que eram retratados seu amadurecimento pessoal a cada ano que passava, por exemplo, foi nessa revolução tecnológica que os *booktubers* e *vloggers* ganharam espaço e ascenderam a um status de comunicação um pouco mais privilegiado no meio tecnológico, sendo mais uma forma de comunicação “de massa”. A diferença entre vlog e booktube é que o segundo se trata de um espaço específico de quem trabalha com livros literários e tudo que tiver relacionado à literatura e gosto.

Mas o fato é que *booktubers*, *youtubers* ou *vloggers* nasceram como gêneros emergentes fruto do poder do mundo capitalista. E hoje, através da lógica da livre concorrência, profissionais de todas as áreas procuram dar o melhor de si, abrindo seus canais no *Youtube*, difundindo seu trabalho. Os profissionais de alguma maneira tem que encontrar o seu “diferencial” na sua produção, seja ele qual for, do mais ao menos especializado. Ao encontrar o que eles chamam de diferencial, estes trabalham segundo a lógica de mercado, encontram nos diversos aparatos tecnológicos aparelhos que simulem a técnica televisiva, apostando não só nos instrumentos, mas, teatralizam, igualmente a um apresentador de TV, ou mesmo atuando como ator, em que tudo vale para alcançar o mercado e ser um profissional autônomo independente.

A Isabela Lubrano é jornalista midiática, e é um exemplo de *booktubers* na internet. O nome do seu canal no *Youtube* é Ler antes de Morrer, o qual é foco também desse tra-

balho. Todos os vídeos são contabilizados, como por exemplo, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (#54), nota-se no final do nome de cada livro a inscrição *hashtag* e o número da quantidade de livros que ela já conseguiu ler até o momento, mas por que isso? Esse fato se deve as primeiras ideias para criação do canal, que realizou-se a partir de um questionamento da criadora ao passar em frente a uma livraria e ver um nome de um *livro 1001 livros para ler antes de morrer* e pensou, será que é possível alguém ler essa quantidade de livros? Foi nessa expectativa que o canal foi idealizado afim de tentar ler o maior número de livros possíveis e compartilhar essa experiência com os internautas; o nome do canal passou a ser *Ler antes de morrer* e a cada semana a idealizadora lê e critica um livro.

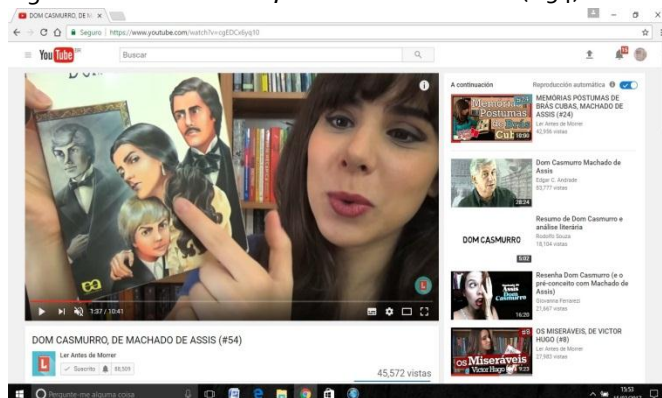
Essa é uma leitura forjada pelo capital, pois o tempo de leitura não é o tempo de reflexão da obra, e, quantidade não implica em qualidade. Essa necessidade de ler sem mesmo pensar no tempo de debruçamento dessa da obra está incutido na pressão de mercado. Assim, para se aproximar de um grande público, o *booktube* se constrói como um gênero cuja linguagem é uma conversa informal, uma linguagem cheia de elementos de retórica. É importante destacar que esse é um tipo de crítica em que, o leitor é quem escolhe muitos dos livros para ser resenhados nos canais, esse é um dos aspectos importantes do *vlog* o que vai possibilitar os mais variados tipos de textos.

Em um dos vídeos em que a jornalista analisa o livro *Dom Casmurro* de Machado de Assis, Lubrano usa da retórica na maioria das vezes, construindo a história como se os leitores tivessem sido enganados por Bentinho personagem principal do livro e lança através de uma série de reflexões outros olhares para a obra. Com a certeza de que os leitores percorram o caminho errado, ela vai esclarecendo e brincando com a situação dos personagens e, ao mesmo tempo, toca em

pontos da estrutura literária passando da forma para o conteúdo e extrapolando para a contextualização.

O vídeo começa com ela criticando a capa do livro, pois a ilustração segundo ela resolveria todo problema de dubiedade criado por Machado, na medida em que o menino filho de Capitu é exatamente igual ao amigo do casal, além da própria Capitu ter uma cara segundo ela de “biscate”. A *vlogger* questiona a ilustradora e afirma que com certeza a mesma não leu o livro, a ponto de construir uma capa como aquela. Observem o *print screen* do vídeo no *Youtube* e a citação do trecho da explicação acima:

Figura 1: Dom Casmurro, de Machado de Assis (#54).



Fonte: cópia de tela do canal do youtube Ler antes de Morrer<sup>3</sup>.

Aí a senhora me fez essa linda obra de arte, aqui nessa capa. Então vamos chegar um pouquinho mais perto só pra olhar assim com detalhes. Nós temos aqui o Bento Santiago ou Dom Casmur-

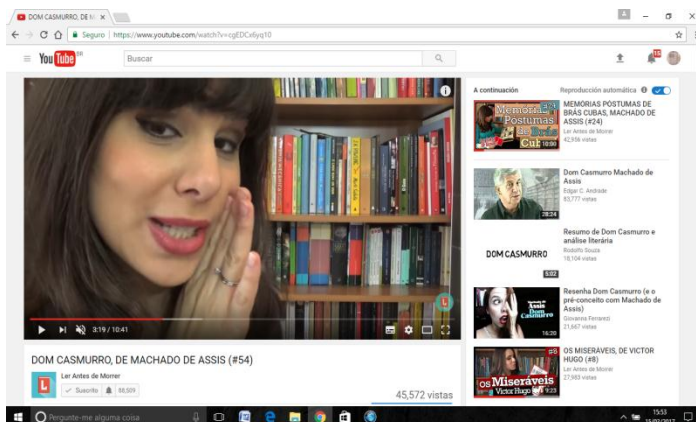
<sup>3</sup> Disponível em: < <http://www.youtube.com.br/>> Acessado em março de 2017.

ro que é protagonista. Ele está olhando com certa cara de trouxa né?! ai nós temos a Capitu, olha aqui a Capitu que cara de biscate tem a essa Capitu. Tá na cara que ela é uma biscate. E aqui o menininho Ezequiel que é o filho do casal, só que ele tem exatamente, exatamente a mesma cara do amigo morto. Só não enxerga quem não quer que houve aqui uma traição. Se ele tem alguma dúvida é porque ele é um idiota. acabou o maior mistério da literatura brasileira está resumido a um melo drama mais óbvio que novela das seis. (...) Mas se você que está assistindo esse vídeo, se você também é como a ilustradora dessa capa, se você não leu Dom Casmurro ainda, vamos a sinopse. (LUBRANO, 2015).

O interessante a se pensar nesse tipo de crítica é o efeito da voz que marca uma ironia, um sarcasmo, um riso que pode mostrar um certo afeto ou não do crítico ao que foi lido, entre outras coisas, algo que ultrapassa as linhas do texto as expressões corporais e faciais. Gestos e textos se complementam, pode-se identificar algo para além do texto crítico em si, um cansaço na hora de falar, uma pausa para pensar, ou seja, é o próprio ato de criação que não é visto de fora comparado a um gênero escrito, como a resenha do jornal e o resumo do blog, por exemplo. A Isabella faz um resumo do livro na sua fala bem mais restrito se comparado a do blogueiro. Às vezes, ela passa mais tempo divagando sobre o que poderiam estar fazendo seus leitores, ou utilizando alguns aspectos performáticos que levam um certo tempo com divagações diversas. A *vlogger* cria de fato um jeito *isabella-*

no de apresentar, marca sua presença como um personagem o que lembra uma apresentação teatral.

Figura 2: Dom Casmurro, de Machado de Assis(#54).



Fonte: cópia de tela do canal do youtube Ler antes de Morrer<sup>4</sup>.

Assim, o símbolo, o sensível, o prazer hedonista criado pelo encantamento das marcas, provocado pela experiência sinestésica, pelo design, pela beleza, pela aura de completude é revelador de um consumidor que procura, precipuamente, um encantamento estético diante de um emaranhado de conteúdos.

Não dá para pensar no funcionamento desse gênero como algo apenas mercadológico. Mas, se não é esse exatamente o foco de muitos *Youtubers*, é nessa lógica ao menos que estão imbricados os vídeos, já que sua função final é se inscrever no canal para ganhar descontos em determinados

---

<sup>4</sup> Disponível em: < <http://www.youtube.com.br/>> Acessado em março de 2017.

produtos patrocinadores dos canais. O fato é que a internet é um grande potencializador do mercado.

Ao aumentar a transparência do mercado, ao facilitar as transações diretas entre fornecedores e consumidores, o ciberespaço, certamente, acompanha e favorece uma evolução "liberal" na economia da informação e do conhecimento e até mesmo, provavelmente, no funcionamento geral da economia. (LÉVY, 1999, p. 232)

Esse fato não é algo ruim em si mesmo, mas é como assistir a uma propaganda sem saber exatamente que é uma propaganda, de tão sutil que pode parecer as apresentações dos *Youtubers* nos canais. No caso da crítica literária, aparece como vantagem assistir a uma interpretação de uma obra. Na leitura de um vídeo, além de ganhar algum aprendizado, o espectador entra sutilmente na lógica das empresas e comercializam como se comprassem o mais valioso objeto artístico, o próprio espectador ganha status de consumidor ativo, ajudando a si mesmo a encontrar sua catarse.

## Considerações finais

Quando Benjamin em seu texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* cita no início Paul Valéry:

Nem a matéria, nem o espaço, nem o tempo são desde há vinte anos o que foram até então. E de esperar que tão grandes inovações modifiquem toda a técnica das artes, agindo, desse modo, sobre a própria invenção, chegando talvez mesmo a modificar a própria noção



de arte em termos mágicos. (BENJAMIN, 1987, p. 169-170)

De alguma maneira ele responde algumas perguntas que tanto nos deixam ansiosos com a chegada da técnica que irrompe tradições, ela é fruto do processo do conhecimento humano e inevitável, assim, Segundo Benjamin são fatos necessários para mostrar a realidade da obra de arte que sempre esteve ali. Essa realidade estavam impregnada de elementos no qual não conferiam sua transparência. A "aura" da obra de arte é também em certa medida um fetiche que à elevava "torre de marfim", ocultando sua construção, criando um certo mistério na sua práxis. Essa dissolução é necessária segundo o autor para irromper com o fascismo.

A proliferação e ampliação das técnicas para usos pessoais nos meios de comunicação, como o da internet, modifica os espaços sociais, e a vida em sociedade sofre ligeiras mutações. No entanto, é difícil saber o que vai ocorrer exatamente, pois, trata-se de um universo indeterminado e que tende a manter sua indeterminação. Cada imbricamento da rede em redes revela um crescimento contínuo e pode tornar-se produtor ou emissor de novas informações que não se pode prever, determinando uma parte da conectividade global por sua própria conta.

A reproduzibilidade técnica é condição determinante para produção e reprodução de informações de toda ordem no mundo. E a democratização do saber provocada pelo avanço das tecnologias e da ampliação do acesso à internet resulta em questões que envolvem a ampliação tanto da recepção quanto do descontrole da emissão de conhecimento, produzido de forma acelerada e sem limites pelos usuários. No caso aqui da literatura e da crítica literária em *vlog* houve um crescente número de leitores, e imprescindivelmente, retira alguns privilégios de quem antes era o único portador de opinião.

## Referências

BENJAMIN, W. "A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica". In: *Magia e Técnica, Arte e política. Obras escolhidas I*. Trad. Rouanet S. P. São Paulo: Brasiliense, 1985.

*Fenômeno dos booktubers*. Disponível em: <<http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,fenomeno-dos-booktubers-difunde-classicos-literarios-para-publico-jovem,70001898464>>. Acessado em 20 de agosto de 2017.

*Signifido de Vlog*. Disponível em: <[www.significados.com.br/vlog/](http://www.significados.com.br/vlog/)>. Acessado em: 17/10/2016.

DANTAS, Tiago. "Youtube". In: *Brasil Escola*. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/informatica/youtube.htm>>. Acesso em: 27 de agosto de 2017.

LUBRANO, ISABELLA. *Dom Casmurro, de Machado de Assis (#54)*. Canal ler antes de morrer. 18 de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cgEDCx6yq10>> Acessado em: 22 de mar 2017.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

[Recebimento: 13 dez. 2017 — Aceito: 01 mar. 2018]